SUMMARIO.

—

Assassinio da duqueza de Praslin — CONHECIMENTOS-UTEIS: Da moeda (*Conclusão*) — Photographia (*Carta*) — Cereaes (*Continuação*). PARTE-LITTERARIA: Do romance moderno — A pobre (Poesia). VARIEDADES: Da barba — Correio-Nacional.

—

ASSASSINIO DA DUQUEZA DE PRASLIN.

1035 Ha muitos annos que os ensanguentados annaes do crime não apresentam ao mundo, espantado de pena e horror, um facto tam atroz como o assassinio da infeliz duqueza de Praslin! Releve-se-me insistir hoje n'este tragico acontecimento, de que ja dei noticia aos leitores no *Correio-Extrangeiro* dos dois precedentes números da REVISTA. Este drama cruento tem tanto de importante para o sentimento e para a moral, que é talvez conveniente desafiar algumas lagrymas sôbre o lamentavel successo, que ainda depois de fechado em dois tumulos, occupa hoje com tanto interesse a imprensa de França e da Europa.

Alguns jornaes inglezes, sem dúvida com fins sinistros, tiveram a infamia de especular no horror, e attribuir aos amores de um filho de Luiz Philippe a funesta tragedia parisiense do último meiado de agosto. Nada ha siquer de verosimil em uma tal calumnia. A duqueza de Praslin era uma senhora virtuosa, amavel em todo o sentido, caridosa em extremo. O processo a que se tem procedido tem esclarecido de todo o ponto éstas circumstancias, a que uma publicidade exigida com avidez por todo o povo em massa de Paris, tem dado o maior interesse e irrecusavel certeza.

Não conheço nada de mais pathetico, de mais sentimental, de mais nobre, de mais sublimemente filho de um coração de mulher... de uma mãe... que as cartas da duqueza a seu marido, appensas ao processo e que os jornaes francezes teem á porfia publicado. Pesa-me não as poder transcrever inteiras pela sua muita extensão; mas no fim da melancholica e curiosa narração que vou fazer, extrahida dos jornaes, que incessantemente se teem occupado d'este lastimoso successo, darei tambem alguns extractos d'estas cartas tam pungentes como admiraveis, que teem de nunca mais serem esquecidas no mundo.

Depois de vinte e dois annos de consorcio, depois do nascimento de dez filhos, que odio infernal, que conflictos de interesses, que desvario de coração, poderam fazer de um homem, tido até alli por indolente e de genio apathico — um algoz, um assassino abominavel? Qual sería a causa, porque o chefe de uma das mais illustres familias de França, parente da casa reinante, alliado com todas as casas historicas do reino, cavalheiro de honor da duqueza de Orleans, criado, amigo, confidente dos principes reaes, senhor de uma fortuna immensa, herdeiro d'outra fortuna ainda maior, marido da filha de um marechal de França, pae de nove filhos vivos; qual sería a causa, dizia eu, porque este homem assassinou sua esposa, e deu fim com um suicidio a seus dias assim cobertos de lucto e de horror?

O casamento do duque de Praslin com a filha do general Sebastiani, havia sido feliz. Uma paixão mutua os uniu, e o seu amor reciproco existiu puro quinze annos com penhores numerosos da sua terna affeição. O duque era homem lhano, de espirito limitado, sem energia d'animo, com uma d'essas intelligencias acanhadas, incapazes do bem e do mal, mas ás quaes, muitas vezes, um impulso exterior póde arremeçar a um d'esses dois extremos. A duqueza era ardente, apaixonada, esposa amante, mãe extremosa, e tinha por consequencia os defeitos de todos os corações com éstas qualidades. Infelizmente era ciosa, e o ceu a tinha predestinado para soffrer todos os tormentos do ciume, cujo fel corrompe a mais bella vida! Era altiva e fogosa quando a suspeita lhe entrava n'alma.

Em 1841, uma rapariga de 21 annos, mademoiselle Luzzy, foi recebida em casa do duque para aia de seus filhos. Bonita, muito instruida e habilidosa, genio tenaz, espirito brilhante, sabendo bem musica, bem pintar e bem escrever, de figura elegante e physionomia graciosa, ésta rapariga soube adquirir um ascendente quasi absoluto em todos quantos a tractavam. O duque concebeu uma forte paixão por mademoiselle Luzzy, e a perspicacidade da duqueza conheceu-o logo.

Desde então rebentou a discordia no palacio ducal; as desavenças multiplicaram-se, e muitas vezes até á mesa. A dona da casa retirava-se para o seu quarto, e la, fechada, desafogava em lagrymas os seus desgostos. Afinal pediu ella que fosse despedida de sua casa aquella que lhe roubava os direitos de esposa, o socego d'alma e até o amor de seus filhos. E comeffeito, estes eram os primeiros a exclamar que morreriam de pena se os separassem da sua querida Luzzy. Tammanha era a fascinação que ésta rapariga lhes soubera insinuar em seu espirito! O duque recusou-se a despedil-a com o pretexto de que ella era innocente, indispensavel á educação de seus filhos, e de que não devia ceder a ciumes loucos nem caprichos.

Ésta recusa fez desesperar a duqueza. Mandou chamar o seu procurador, e quiz intentar um processo de desquite. Os rogos de seu pai, os de um ecclesiastico, e uma intervenção poderosa, poderam, infelizmente, mas poderam, fazel-a renunciar este projecto. Affirma-se que uma das princezas (a duqueza de Orleans talvez) estava tam convencida da innocencia de mademoiselle Luzzi, que póde obter que a duquesa de Praslin lhe escrevesse desculpando-se de haver injustamente desconfiado d'ella. Ésta carta foi achada comeffeito entre os demais papeis, a cuja busca a justiça procedeu.

As desconfianças da infeliz duqueza, serenadas um pouco assim, romperam de novo com mais fôrça em razão de uma viagem que seu marido fez á Italia com tres de seus filhos e a aia d'estes. A duqueza por mais que fez não póde embaraçar ésta viagem. Quiz outra vez desquitar-se: mas achou os mesmos obstaculos, na repugnancia da sua familia e nas instancias do paço, contra similhante escandálo.

Dois annos depois d'esta viagem á Italia teve logar a catastrophe fatal. O que n'este intervallo aconteceu não póde bem dizer-se; sabe-se porém que tres mezes antes do assassinio o procedimento do duque para com sua mulher se havia tornado tam acerbo, que

a pobre duqueza conversando um dia com a rainha, supplicou-lhe que interviesse a seu favor para com seu marido. Alguns dias depois a rainha dirigiu ao duque palavras de exprobração a este respeito, e recommendou-lhe que mudasse de procedimento. O duque protestou que estava innocente, e que tudo era uma desconfiança injusta de sua mulher. Mas entrando em casa furioso, os seus ralhos foram estrondosos. Chamou a duqueza denunciante, covarde, infame, e declarou-lhe por muitas vezes, que cedo se arrependeria das suas queixas á rainha.

Mademoiselle Luzzy foi então mandada recolher a um convento, e restabeleceu-se no palacio do duque de Praslin um certo simulacro de paz, que aquietou os animos.

Poucos dias depois, os duques foram ambos para a sua casa-de-campo de Vaux. Mas lá rebentou de novo a trovoada com mais furia ainda. A duqueza interceptou uma carta de um de seus filhos de oito a dez annos, escripta a Luzzy com tanta saudade e ternura, sentimentos tam vivos, protestos tam ardentes, que a desgraçada senhora não lhe custou a adivinhar, que embora fosse tenra a mão que a escrevêra era de sobra varonil o coração que a dictára. Verificou-se a exactidão de tudo isto.

D'aqui nasceram, como é bem de suppor, novas origens de recriminações, ameaças de separação, e desavenças entre os dois esposos. O duque interpreta as phrases que elle havia dictado, como meras palavras de gratidão a uma pessoa a quem seus filhos eram devedores de uma solida e virtuosa educação. Suppor outra coisa era crear uma chimera monstruosa, deproposito para angustia do animo e perpetuo desgosto: seria uma tyrannia da suspeita que a duqueza ostentava unicamente para lhe ser pretexto a podêr desconsiderar seu esposo. Estas razões senão satisfizeram a duqueza, pelo menos parece que lhe inspiraram prudencia; e os dois esposos voltaram para Paris.

O duque apenas chegou correu logo a visitar mademoiselle Luzzy com dois de seus filhos. Esta rapariga queixou-se amargamente de que a sua regente, pretextando os rumores publicos que lhe eram desfavoraveis, tinha resolvido fazel-a sahir d'aquelle asylo, se uma carta da duqueza lhe não désse a certeza de que ella havia sahido da sua casa sem que para isso houvesse dado motivo que lhe fosse desairoso, e que o seu modo de proceder em casa do duque tinha sido sempre irreprehensivel. O duque sahiu, jurando que ésta carta havia de ser mandada forçosamente á regente.

Attribue-se a ésta última circumstancia o horroroso desfecho d'este drama. É natural que o duque exigisse a carta de sua mulher á regente n'essa mesma noite. É de crer que a duqueza por ciume se recusasse a escrevel-a, no instante mesmo em que os seus zelos eram exasperados pela noticia e avidez da visita do duque á mulher que tam justamente lh'os provocava. Como querque fosse, n'essa mesma noite, ao rasgar da madrugada, um feito horrivel é praticado no quarto de dormir da duqueza. Um tigre de fórma humana, ou antes um demonio, entra na alcova da mãe de seus nove filhos, em quanto que o somno lhe cerra as palpebras, armado de um punhal afiado, de um cordão de retroz e de um par de pistollas. Tira a luz que allumia o quarto, quebra a fita da campainha que vai ao quarto mais proximo dos criados, fecha por dentro a porta da alcova por onde poderia entrar algum soccorro, e perpetra o crime mais espantoso, atroz, execravel dos tempos modernos.

As indagações minuciosas e intelligentes a que se tem procedido, dão todas as circumstancias, tiradas dos seus vestigios, d'este facto abominavel, quasi como se fôra presenciado. A infeliz senhora recebeu as primeiras feridas estando a dormir: quatro foram ellas e todas no peito. Precipitou-se depois do seu leito, dirigiu-se á porta que estava fechada, uma cadeira e uma mesa foram derrubadas n'esta passagem. D'ahi caminhou á janella do jardim, onde a lucta parece ter sido mais incarniçada. Foi n'esse logar sem dúvida, que a duqueza pôde agarrar o punhal do assassino com a mão esquerda, que appareceu toda cortada e com o dedo minimo quasi decepado; a lamina do punhal quebrou-se, talvez n'esta occasião, porque assim appareceu separada do cabo; seria então tambem que o monstro abominando se serviu das pistollas, ferindo com ellas o rosto e o corpo da sua lastimosa victima, que ao cabo veio expirar esgotada em sangue no meio da alcova. Trinta feridas se lhe acharam no corpo: as do peito e garganta eram formidaveis.

Os criados que correram ao estrondo da segunda campainha, que pelo logar em que estava o cordão, so poderia ser tocada no momento da duqueza cahir exsangue, tiveram de tornear o jardim para virem a entrar por os mesmos quartos que o duque seguiu para tornar a entrar na sua alcova. Todas éstas casas estavam sujas de sangue marcando o itinerario do assassino.

Quero poupar o leitor á descripção pungente da scena pathetica passada no quarto da duqueza depois do assassinio. Aquelle cadaver de uma mulher bonita, instruida, moça, espirituosa, semi-nu, coberto de feridas, em cima de um lago de sangue, que de todas as paredes e moveis era gotejado tambem; os criados consternados; os medicos so mudos espectadores; a justiça investigando; um venerando militar octogenario, pae da victima, recuando ante este espectaculo pavoroso; o marido assassino de braços-cruzados com estupida impassibilidade, encarando tudo isto, sem talvez ver nada do que se passava; e tudo ao clarão de vellas, que tornava mais lugubre toda esta scena hedionda; são circumstancias que impressionam demais o espirito para que se deva insistir n'ellas.

Depois de retirado ao seu quarto, o duque, tendo fingido alguns signaes de mal disfarçado espanto e consternação, foi logo seguido pela justiça.

— 'Então Senhores,' diz-lhe o duque e par de França, 'tendes descuberto alguns signaes dos assassinos?'

— 'Parece-nos que sim.'

— 'Foi alguem de fóra, decerto?'

— 'Julgâmos que não, Sr. Duque.'

— 'Pois em casa... quem se atreveria...'

— 'O assassino,' exclamou então um dos magistrados, 'sois vós Sr. duque'

— 'Eu!..'

— 'Vós mesmo.'

E o duque deixou-se cahir sôbre uma marqueza, cobriu a cabeça com as mãos, e calou-se.

O assassino ficou guardado á vista; mas assim mesmo pôde invenenar-se, ignora-se de que modo. Depois de manifestos os primeiros symptomas do veneno,

o duque foi conduzido á prisão do Luxembourg onde foi tractado. Parece que os medicos hesitaram a principio sôbre a natureza da infermidade. O caso é que o doente morreu no fim de quatro dias. Sería isto, um suicidio voluntario e premeditado, ou um meio de salvar da infamia de um patibulo um membro de uma familia oriunda dos companheiros cruzados de Godofredo de Bulhão? É o que ainda é mysterio.

A noticia d'este horroroso successo levou a consternação ao paço, e a toda a familia-real. A duqueza d'Orleans conservou-se dois dias fechada no seu quarto, chorando; e o rei suspendeu uma festa que estava para dar por esses dias.

Por último, uma scena dolorosa se passava ainda no palacio da duqueza mãe de Praslin. Esta veneravel senhora, cega e cercada de seus filhos, e o marechal Sebastiani, outro velho respeitavel, choravam nos braços um do outro a perda mutua de seus filhos, tam tragica e horrorosamente finados. Ao mesmo tempo, uma irman do duque, que orava na capella, vai ser incontrada sem sentidos nos degraus do altar, julga-se que desmaiada ao grito dos pregoeiros que vendiam os impressos com a narração do horroroso drama! E a multidão corria de todos os lados de Paris a visitar os logares da catastrophe, e a imprecar contra o assassino!

Direi agora alguma coisa sôbre as cartas da victima ao seu algoz; monumento doloroso de uma longa agonia, quadro interessante e compunjente das dôres de uma desgraçada, que tanto as sentia como tão bem sabia pintal-as, e com ellas commover. Encontraram-se tambem entre os papeis da duqueza, as *memorias* da sua vida de que mais tarde a imprensa terá que occupar-se certamente.

Em quanto ás cartas porém, ja o disse e repito, que não sei de nada mais pathetico do que ésta narração do seu martyrologio, e duvido que a dor fosse nunca mais capaz de arrancar de um coração phrases mais pungentes, palavras mais ternas, mais doloridas, mais apaixonadas, mais eloquentes, mormente na carta em que ella se queixa a seu marido de lhe haver roubado seus filhos para os entregar á sua amazia! Estas cartas inestimaveis formam uma historia completa de um coração de mulher, o mais ardente e o mais puro que nunca pulsou em peitos humanos. As angustias de um verdadeiro amor desprezado e aviltado; os estimulos do ciume; o heroismo do dever; jamais subiram tanto em coração de mulher bella, moça e religiosa! Os paragraphos em que o pudor se confunde com uma casta voluptuosidade; os queixumes amargos d'involta com os desejos mais dolorosos que os queixumes; os combates continuos entre a natureza e a educação; os prazeres que ella se recorda de ter gozado e que ja não conhece; a saudade que lhe resta d'essas recordações tam ternas ora trocadas em pezares; as invocações fervorosas, sinceras, orthodoxas á piedade divina; e no meio de tudo isto a veneração pelos laços que a ligam ao homem que a martyriza: é tudo tam admiravel aos olhos da paixão do amor, da moral, da religião e da verdade, que nada ha tam sublime com que possa ser comparado.

Darei pequenos extractos de algumas d'estas cartas, visto que, com bastante sentimento meu, o espaço me não comporta maior extensão. Aquella a que singularmente me refiro acima, póde ler-se quasi completa na *Illustração* franceza de 4 do corrente. * Mas vejamos primeiro uma de 1841. Tinha ella então 32 annos, e ja meio-desamparada de seu marido, por não podêr, dizia este, supportar o seu genio cioso, pede-lhe perdão e falla-lhe assim:

'Não sou eu porventura a companheira dos teus dias, a metade de ti mesma? Aquella que deve participar de todos os teus desgostos assim como de todos os teus prazeres? Se estiveres doente quem quererás que cuide de ti? Olha: os desgostos são doenças d'alma; se tu os sentes para que me repelles de ti? Quem poderá suavizar-t'os com mais carinho, a não ser aquella que Deus collocou juncto a ti, para te consolar, e com quem tu deves repartir a tua vida toda inteira?'

Depois accusa-se de novo, e confessando o seu genio desconfiado, a triste infeliz, explica-se candidamente d'este modo:

'Accredita-me Theobaldo, quatro mezes de pesar e de arrependimento me teem castigado bastante. Juro-te que não tornarei mais a queixar-me de ti; reconheço a superioridade do teu character e do teu juizo; ja nada mais quero senão que repartas commigo a tua vida para a acariciar, e derramar algum balsamo sôbre as feridas do teu coração. Pelo meu amor te juro; por tudo quanto ha de mais sagrado e mais caro para mim, juro-te que não te peço nada mais que o teu amor; eu me deixarei guiar por ti em tudo; nunca mais te affligirei com os meus zêlos; nem me tornarei mais a arrogar o direito de te reprehender, nem siquer de te dar conselhos. Estou muito arrependida, muito. Quero ser a metade amante mas passiva da tua vida? Fica certo que não tornarei mais a abusar da tua ternura. Eu acolherei no meu coração os teus desafogos com o mesmo mysterio que acolher as tuas caricias.'

Pobre mulher que assim falla de arrependimento, que falla de culpas... 'Tu me ingeitas,' diz ella n'outra parte, 'como se eu fôra uma criminosa... Tu expulsas-me da tua cama, e do teu coração! Que mais farias se eu te fôra infiel? Eu choro de dia e de noite; estou á porta do teu quarto e não me atrevo a entrar, porque tu ralharias commigo talvez.'

Que teem os poetas de todos os tempos inventado de mais singello de mais lacrymoso, que este modo de fallar, capaz de abrandar o mais endurecido coração de selvagem?

N'outra occasião a desditosa senhora não póde acreditar que seu marido tenha ânimo para a abandonar; julga que elle quer so dar-lhe a punição do seu ciume; e termina assim a sua carta, que é toda ella um primor de sentimento:

'A vida é tam curta, meu Theobaldo! E ha ja tanto tempo que nós estamos desunidos... separados! D'aqui a pouco ja eu me não atreverei a arriscar comtigo as minhas caricias que tu regeitas sempre. Eu sou a primeira a querer fazer as pazes, porque sei que o teu genio é não quebrares por ti. Mas se tu não quizeres, a tua pobre mulher te tomará medo, e assim passaremos a vida, e eu morrerei de dor. Oh! vem ter commigo, vem!'

Outra vez pede-lhe licença para se ausentar, visto

* A *Illustração* ingleza do ultimo paquete occupa quatro paginas com este assumpto. O jornal do *Commercio* francez, a *Semana* e outros, trazem na quasi integra éstas cartas.

que lhe não e decoroso viver em tal reserva, nem com a frieza offensiva que o duque lhe mostrava; voltará depois quando o seu coração se podér habituar a viver sem elle. 'Hoje,' diz ella, 'tenho o meu amor mais ardente que nunca o tive no coração: e a minha vida interior é toda lucto e martyrio. Conheço que estes meus sentimentos não mudarão nunca; mas espero com o tempo podêr modificar a sua exaltação.'

E houve um marido para horror dos homens, que assassinou uma mulher d'estas! Mais ainda. Ésta pobre senhora, chega a estimar o despotismo das conveniencias sociaes que lhe manda abafar a sua dor diante de gente, e apparecer em publico com o sorriso nas faces. 'Oh! meu Theobaldo,' diz ella, 'porque não vens tu ver-me quando estou com visitas? Então poderia eu estar defronte de ti affectuosa, meiga, e toda carinho. Vem, que esses momentos serão para mim momentos de consolação e de felicidade. Vem, que eu te ficarei muito obrigada; e as illusões que me derem os teus sorrisos farão toda a alegria da minha vida.'

Em 1842 a dor da duqueza tomava um aspecto mais solemne; ja não é so a esposa ultrajada é a mãe offendida em suas mais caras affeições, nos seus mais legitimos direitos; ja não é a indifferença é a aversão do pae e dos filhos que ella receia. 'É preciso que me tenhas muito odio, Theobaldo,' escrevia ella então,' para assim me esbulhares de todos os direitas de mulher! É preciso que me despreses muito para me arrancares meus filhos! Pensas que eu poderei corrompel-os? Mas não sabes tu que o meu coração e a minha vida são puros? Pensas que os não amo? Pois julgas que eu não tenho alma, ou que sou peior que as feras? E quando não houvessem outras razões, ja te esqueceste de como eu te amei, para suppores que não amaria agora os nossos filhos?'

Toda ésta carta é uma continuada exclamação de amor e desespêro que commove ate ás lagrymas.

Cinco annos passou ésta desgraçada, cercada de todo o fausto e grandeza do mundo, chorando todas as noites em convulsões, e mettendo a almofadinha na bocca para abafar os seus soluços! E n'este estado miseravel o que ella mais sente, é que os seus soffrimentos a privem de algumas graças physicas, com que ainda, talvez, poderia excitar alguma inclinação em seu marido! 'Theobaldo', exclama a infeliz, 'as minhas feições alteram-se, as fôrças diminuem-me, o meu genio torna-se sombrio, o meu espirito extingue-se, a minha energia exinani-se! Perdi meu marido e meus filhos! Estou aope d'elles e não me é dado gozal-os! Sei que sou para elles um pêso desprezivel...'

Mezes inteiros levou a fazer fricções d'opio na testa e no estomago para alcançar algumas horas de repouso. E apesar de tudo ella ama ainda o auctor dos seus tormentos com todas as faculdades da sua alma! 'Oh!' escreve ella ao duque, 'se quando eu deixar de existir o teu coração se podér internecer lembrando-se d'esta Fanny que te amou tanto, d'esta mãe de teus nove filhos, que os não tinha ja, entregue ao desprêso por elles e por ti!... E não sintas que ella deixasse o mundo, porque ella bem conhecia a ignominia de ser inutil na terra, apezar de ter um marido e nove filhos!...'

Todas as cartas seguintes até este anno, são uma serie de supplicas e de sentimentos de desespêro. São um gemido interminavel, uma crucificação que dura seis annos e não termina senão com sangue.

N'outra carta pede ella a seu marido que lhe restitua seus filhos, que lhe foram roubados, para serem entregues, diz ella: 'a uma leviana que elle conhece apenas, e a quem tem cedido todos os deveres, toda a alegria, toda a auctoridado que so a sua mãe pertencem; que tem a faculdade de dispor do mais precioso dos seus bens, que são seus filhos; que é hoje a companheira de seu marido, que tem conquistado o direito de entrar a toda a hora e de todo o modo, n'essa alcova, onde ella sua mulher, mãe de seus filhos, ja não tem direito de entrar, nem ainda mesmo quando elle está doente.'

E effectivamente todos os laços entre ambos havidos estavam então despedaçados. O duque nem siquer lhe permitte que ella se aflija com as suas penas d'elle, que sinta os seus pesares, que ambos misturem as suas lagrymas 'Oh!' exclamava a infeliz consorte, 'eu bem sei que tu ja não me amas, porque não se amam aquelles com quem se não deseja chorar.' E a pobre senhora tinha sido, como ella mesma diz, *anulada em sua propria casa*. Era-lhe prohibido ate entrar no quarto de seu marido, onde esse passava todas as noites a tomar cha com mademoiselle Luzzy. 'Mas eu tenho uma alma' diz ella, e esta alma feita pedaços em todas as suas mais caras affeições, padece bem cruelmente. Que me importa o luxo, a independencia, todas éstas coisas vans que me rodeiam? O que eu queria era meu marido e meus filhos, o seu amor, a sua presença, a sua confiança; que me importa mais nada!'

Pinta depois qual é a sua dor quando vê as outras mulheres com seus maridos, e as outras mães com seus filhos, e que lhe perguntam por coisas domesticas, e bem naturalmente pela saude de seu esposo, e de seus filhos. 'Tu me aconselhas que tome eu amizade com pessoas extranhas. Mas com que direito queres tu, que eu, expulsa como indigna de meu marido e de meus filhos, va mendigar amizades no meio de um circulo de deveres e de legitimas affeições? Sería preciso que eu me queixasse, que me soccorresse á compaixão d'elles; sem isso talvez me dissessem: Que vindes vós aqui buscar quando tendes marido e filhos?'

Desde este tempo até ao instante da sua morte, não houve mais alternativa de felicidade, nem tregoa de desgostos; o inferno estava todo inteiro dentro do seu peito, e a sua vida era um rogar contínuo, um soluçar de dor nunca interrompido. Estas suas cartas, éstas suas impressões *escriptas*, são o reflexo fiel de toda a tempestade que lhe remoinhava a existencia, dos terrores que lhe tomavam a imaginação, dos arrepios emfim que se seguem aos ardores febris d'ésta mulher que por termo das suas crueis provações teve a morte mais barbara dos tempos modernos. Na serie d'estas cartas se ve como gradualmente crescia para ella o desprêso do homem ingrato, a quem ella idolatrava tam do íntimo d'alma, cançado de certo da pertinacia de um amor tam fervoroso. Reconhecem-se todos os esforços que ésta mulher admiravel emprega para trazer seu marido para fóra da vereda de seus maus instinctos, e como este passou successivamente do enthusiasmo da mocidade e da vida, para o marasmo d'alma de uma decrepitude antecipada;

como do amor passou á devassidão, da devassidão ao assassinio, do assassinio ao suicidio, onde elle esperava talvez ficar em paz com a sua consciencia por aquella razão que disse um escriptor: *que o nada é alguma coisa para aquelles para quem Deus não é nada.*

Concluirei aqui ésta triste narração e estes interessantes extractos. Mas resta dizer que todos os manuscriptos achados na secretária de Madame de Praslin são egualmente filhos da sensibilidade mais exaltada, do amor mais puro, da religião mais fervorosa. Ha um chamado o seu *Diario*, outro as minhas *impressões*, e ainda o seu *album*. Todos estes papeis nada conteem sóbre outro assumpto que não seja o que foi causa da sua morte. A 13 de julho último escrevia ella o seguinte, com a imaginação ja aterrada de sinistros pensamentos:

'Meu Deus! so vós sabeis quanto eu tenho soffrido, e quaes teem sido as privações de todo o genero do meu coração; se eu não tenho succumbido á tentação gloria vos seja Senhor que tendes sido o meu refugio e me tendes dado fôrças; não me desampareis agora, porque eu morreria decerto. Meu Deus! Meu Deus! amparai-me, dirigi-me; tenho medo do futuro, tenho medo das ameaças que elle me fez; das difficuldades que de dia para dia ainda se levantam entre nós ambos; mas vós vigiareis por mim, meu Deus, em vós deposito toda a minha confiança: ajudai sempre a pobre mãe a quem tendes dado força para luctar por seus filhos. Valei-me, meu Deus!

Um mez depois d'ella haver escripto isto, a sua alma voava para o ceu porque so entre os anjos devia morar, e cuja imagem ella tinha sido na terra.

Talvez no seguinte número dê ainda o extracto do discurso do presidente da camara dos pares, e ainda outros tambem de muita curiosidade se o público senão fatigar com este assumpto verdadeiramente palpitante de interesse e sensibilidade.

CONHECIMENTOS UTEIS.

A MOEDA. *

1036 Não podendo pois ficar um real mais na circulação do que existia, apezar da exaltação que se foi dar á moeda extrangeira, a vêr de assim a convidar a entrar e demorar-se no reino: porque tanta quanta entrasse, era tanta quanta havia de sahir da nacional, teria sido conveniente, para se não adoptar tam fallaz pensamento, saber-se a causa porque ella escaceou. A causa foi só e unicamente porque se dispendeu; assim como qualquer outro objecto que se gasta, um celeiro de trigo que se come, ou uma adega de vinho que se bebe. A moeda nacional tinha-a estado a gastar o govêrno, principalmente nos emprestimos que lhe tinha estado a fazer o Banco-de-Lisboa e a companhia Confiança-Nacional. Não parece isto á primeira vista, mas com uma succinta explicação logo se conhece.

Portugal querendo-se manter nelle o equilibrio entre o seu numerario e os seus mercados, de maneira que nem falte numerario nem faltem generos, não póde dispensar para o seu thesouro publico mais do que a receita ordinaria a qual não chega certamente para a sua despeza ordinaria, bem longe disso, fatalmente. Apouquentado o govêrno pelas continuas faltas que sentia e sente, com o *deficit*, cuidaram os nossos economistas remediar a este, grangeando antecipações extraordinarias do Banco-de-Lisboa, que representavam dinheiro. Este remedio era a perdição do Banco, porque atraz das notas havia de se lhe ir o metal: isto ja elle o deveria saber com a licção de 1827, mas não se lhe importou della. Os mais tambem fizeram o mesmo, foram convertendo os capitaes que possuiam e eram a vida da industria, em notas, o unico dinheiro que girava, para depois o levarem ao govêrno, a quem nada chegava.

Ninguem póde negar a justa retribuição que é devida a quem trabalha, seja esse trabalho para o particular, seja elle para o publico. Habilitado o govêrno com esses auxilios ficticios e temporarios dos nossos estabelecimantos de credito, passou elle a sua importancia, na sua totalidade porque os não recebeu para os enthesoirar, aos seus empregados, e estes não podendo tam pouco prescindir de os levar por todas as fórmas ás lojas a comprar os objectos que lhe eram precisos para si e suas familias, seguiu-se haver mais procura desses objectos do que teria havido se ao govêrno se não tivessem dado as notas, e este as não tivesse dado tambem logo aos seus credores. Mas não podendo as notas ir para o extrangeiro porque de nada lá valem, pelo panno de lã, o paninho de algodão, etc., que de lá veiu de mais em consequencia do maior pedido que essa superabundancia de notas veiu estimular, foi indo em seu logar pela exportação a prata que é um genero universal e que em toda a parte tem valor. Este pagamento ao extrangeiro pelos pannos e pelos panninhos que trouxe ou mandou de mais do que nós lhe podemos pagar em sal, vinho, fructa, etc., foi a maneira latente, que é indicada nos cambios extrangeiros, por onde nos vimos sem os metaes para á vista se pagarem as notas, que tinham sido emprestadas de mais ao governo pelo Banco que não tinha os metaes precisos para poder affiançar a sua conversão.

Habituados a tomarem sempre os effeitos e nunca a remontarem ás causas, póde ser que se cuide que eu pertendo injuriar o extrangeiro por trazer cá os seus artefactos, e levar de cá os crusados-novos; bem longe disso, eu não pertendi mais, no desenvolvimento que precede, senão dar a razão de um facto economico, facto em que não ha nenhuma aleivosia, e ha toda a lealdade, porque se aquelles objectos vieram é porque eram precisos para o nosso consummo, e então antes devemos estar agradecidos a quem cá os trouxe, e dar-mos por isso os parabens á nossa fortuna pelos termos obtido.

A França acaba de passar pelos maiores apertos por falta dos metaes, e a Inglaterra tambem. Foi o motivo um desfalque, ou um pedido extraordinario de generos, o trigo, batatas, etc. de que os privou a natureza nos seus respectivos solos, e tiveram no flagrante de os supprir de fóra com sonante. Estas duas nações exhauridas de parte do seu numerario por causa da falencia nas suas colheitas cereaes, falencia que affligiu uma população que sobe a mais de 60,000,000 d'almas, não cogitaram comtudo em alevantar o titulo á moeda nos seus reinos, ampararam-se (não tinham

* Concluido de pag. 411.

la os nossos financeiros) como poderam na crise, e foram esperando pela nova producção, para a restituição da riqueza que tinha faltado á terra. O mesmo que ellas fizeram, deviamos nós fazer. se nós não servissemos de tanto aprendiz de boticario onde deveramos chamar medico. Em nós tendo mais producção e escolhendo melhores vias do que temos escolhido até agora, para augmentarmos o fundo nacional, ja o dinheiro nos não hade faltar e tanta mais moeda da Rainha póde haver em Portugal como de qualquer outra potencia extrangeira, sem ser necessario essa relegação que estamos a fazer da moeda que é portugueza, no que parece ja temos um sinistro proposito — nada menos do que exauthorar a nossa nacionalidade. Hajam muitas e muitas moedas extrangeiras, mas não tenham curso legal, tenham o valor que lhe der o mercado.

C. A. da Costa.

PHOTOGRAPHIA.

(Carta.)

1037 *Sr. Redactor.*—Entre as descobertas photogenicas, que mais tem contribuido para a perfeição dos retratos dagueireotypicos, deve julgar-se como mais proveitosa a invenção das substancias acceleradoras, por isso que exigem menos tempo de exposição e immobilidade da parte do original: ora se este tempo ainda se podesse diminuir e a tal ponto, que possivel fosse estampar na lamina metalica a expressão do sentimento dominante no original, no momento em que se retratou, com o emprego de uma outra substancia acceleradora; pelo menos augmentar-se-ia a grande lista dellas com mais uma facil de obter em todas as localidades, e por um preço mui diminuto, e que redusiria a quarta parte o tempo empregado com as substancias acceleradoras ordinarias: para isto basta expôr a lamina, depois d'ella ter absorvido a conveniente quantidade de substancia acceleradora ordinaria, nos vapores de essencia de terebentina n'uma capsula como a do Bromo, por 6'' estando o thermometro a 20 de R. augmentando ou diminuindo o tempo de exposição d'estes vapores, em proporção do augmento ou diminuição da temperatura athmospherica, e concluindo o resto das operações como de ordinario.

Se V. se dignar publicar na *Revista Universal*, esta minha descoberta, confirmada pela experiencia de mais de um anno, muito obsequiará o seu constante leitor.

Lamego 1 de settembro de 1847.

Antonio Corrêa Pinto de Figueiredo.

CEREAES.

1038 Os preços arbitrados em os n.os do Jornal onde ja se tractou d'esta questão foram: trigo 30$000 rs. o moio; centeio 12$000 rs.; cevada 20$000 rs.; e milho 25$000 rs. Applicando estes preços aos cereaes que não houve, e ao milho que houve, temos o seguinte debito e credito:

Foram de menos do que deveriam ser:

	Moios.			
Trigo	4360	a 30$000 rs.	Rs.	130,800$000
Centeio	789	12$000		9.468$000
Cevada	2373	20$000		47.460$000
				187:728$000

Foram de mais do que deviam ser:

	Moios.		
Milho	3000	25$000	75,000$000
Saldo em menos valor			Rs. 112:000$000

Se a quantidade não foi quanto devêra ser, o valor da qualidade tambem por esta conta não dá para a compensação que é precisa, vendendo uns e comprando outros, para a população poder ser alimentada de cereaes cultivados na propria area onde ella nasceu.

Tractada a questão pelo que deveria ser se se attendesse á sustentação da população e não satisfazendo as suas deducções por esse lado, passaremos agora sem referencia ao ponto cardeal, a sua sufficiencia, debaixo do qual acaba de ser ponderada, a analisa-la simplesmente, só com respeito a extensão da cultura, quer dizer o seu augmento de 1839 a 1844, sem relação á população.

Foi a producção em

Anno.	Trigo. Moios.	Centeio. Moios.	Cevada. Moios.	Milho. Moios.
1839	35,181	3504	13992	15127
1844	34,120	2810	12405	19430
	—1,061	—594	—1587	+4303

Foi portanto de menos em

		Moios.			
1844	Trigo	1061	a 30$000 rs.	Rs.	31.830$000
	Centeio	584	12$000		7,128$000
	Cevada	1587	20$000		31,740$000
					70,698$000

E de mais em

1844 Milho 4303 a 25$000 rs. 107,575$000

São a favor da producção em 1844 contra a producção em 1839 Rs. 36,877$000

Estes rs. 36,877$000 que apparecem em excesso para 1844 não se póde intender que os houvesse da mesma quantia para todos os 5 annos desde 1839 a 1844, haviam de ser progressivos para cada um delles, porque nem é de repente que se accumula, nem é tão pouco de repente que se sente a decadencia quando se tracta em geral da economia de uma nação. O que pede a probabilidade é que em

1840 accressse este balanço	$\frac{1}{5}$ ou Rs.	7.375$400
1841	$\frac{1}{4}$	9,219$250
1842	$\frac{1}{3}$	12,293$333
1843	$\frac{1}{2}$	18,438$500
1844	1	36,877$000
Somma total do accrescimo nos 5 annos		Rs. 84.203$483

* Continuado de pag. 420.

Assim como o accrescimo em milho (os 4303 moios) que aqui vai figurado accresceu por uma escala da quinta parte no primeiro anno, da quarta parte no segundo anno, da terceira parte no terceiro anno, da metade no quarto anno e da unidade inteira ou os rs. 36,877$000 no quinto anno, quer dizer em 1844, tambem o decrescimento no trigo, centeio, e cevada, para sermos justos, não se deve considerar todo sobrevindo no anno de 1844, mas

1844	1/5	de	1061	212
1843	1/4		849	212
1842	1/3		637	212
1841	1/2		425	212
1840	1		213	213
				1061

Ou por anno 212 a 30$000 rs. Rs. 6,360$000

			Centeio Moios	
1844	1/5	de	594	119
1843	1/4		475	118
1842	1/3		357	119
1841	1/2		238	119
1840	1		119	119
				594

Ou por anno 119 a 12$000 rs. 1,428$000

			Cevada Moios	
1844	1/5	de	1537	307
1843	1/4		1230	307
1842	1/3		923	308
1841	1/2		615	308
1840	1		307	307
				1537

Ou por anno 307 a 20$000 6,140$000

Rs. 13,928$000

Recapitulação.

1840	Ganho com o milho Rs. 7,375$400	Perda com os outros cereaes Rs.	13,928$000
1841	9,219$250		13,928$000
1842	12,293$333		13,928$000
1843	18,438$500		13,928$000
1844	36,877$000		13,928$000
	Rs. 84,203$483		69,640$000

Saldo em lucro, no fim dos 5 annos, no milho, abatidas as perdas no trigo, no centeio e na cevada, redusido a dinheiro 14,563$483

Rs. 84,203$483

Estes rs. 14,563$483 divididos por 5 annos dão a cada anno rs. 2,912$696 e repartidos pela população dão a cada individuo nesse mesmo espaço de um anno por uma só vez, de 10 a 11 rs., os quaes bem se vê de nada valem absolutamente: são como um grão de areia para fazer uma montanha.

A população entre 1840 e 1844, devia ser:

1840	Almas	249,582
1841		251,452
1842		253,337
1843		255,236
1844		257,146

Trago aqui a população para que não nos illudamos com apparencias, porque não ha nada que exija mais attenção do que são algarismos. A população até 1842 perde, não ganha nada, porque em 1840 O ganho em milho é de Rs. 7,375$400

A perda nos outros cereaes é de 13,928$000

Resta em deficit 6 552$600 ou a perda por individuo por anno de..... 26 rs.

1841	Id.	9,219$250 13,928$000	
	Resta em deficit	4,708$750	18 «
1842	Id.	12,293$333 13,928$800	
	Resta em deficit	1,634$667	6 «
			50 rs.
1843	Id.	18,438$500 13,928$000	
	Lucro	4,510$500	17 rs.
1844	Id.	36,203$483 13,928$000	
	Lucro	22,275$383	80 «
			97 rs.

É só em 1843 e 1844 que a população como aqui se demonstra, vem a ganhar 97 rs. dos quaes abatendo os 50 rs. que perdeu em 1840, 1841, e 1842, lhe resta um saldo de 47 rs. por individuo por anno para os 257,146 individuos que deviam existir em 1844.

Esta é a segunda face por onde quiz ver se desvanecia os prejuizos que existem a favor da escravidão, seja ella em que sentido a queiram inculcar, ou politica, ou commercial, ou industrial, ou fabril, ou agricola.

Ja foi visto que a cultura não augmentou na mesma proporção do augmento da população, nem tão pouco ao menos augmentou a qualidade mais cara dos cereaes, isto é, do trigo, ja que a quantidade

dos outros não chega para o necessario, agora vamos ver a perda que temos soffrido para manter o horrivel monopolio da lei dos cereaes.

(Continúa.) *C. A. da Costa.*

PARTE LITTERARIA.

DO ROMANCE MODERNO.

I.

1039 É hoje incontestavel a poderosa influencia que tem exercido sôbre as sociedades modernas o romance — essa linda e singela flor da litteratura amena, moldados pelos principios da nova eschola.

Sacerdote de idéas sublimes e importantes — apostolo de um pensamento civilisador, que assignalou uma epocha nova e brilhante nas brilhantes paginas da historia da civilisação, o romance moderno atirou-se ao centro da nova arena litteraria, e ahi arvorou impavido e orgulhoso o estandarte pelo qual deviam combater aquelles, que houvessem entrado na nova cruzada scientifica e litteraria que então se prepárava.

As bellas e sanctas inspirações que os romancistas modernos foram beber ás novas theorias, apresentadas á face do mundo illustrado, pelos homens eminentes n'aquelle ramo da litteratura, como que fizeram adormecer para sempre no leito do nada as insulsas e insipidas frioleiras, que por tanto tempo fizeram gemer os prélos sob o jugo do mais obtuso, e do mais tyrannico dos reinados da intelligencia.

É porque o espirito procurava ja vencer — dominar a materia; — é porque o facho brilhante da civilisação intentava fazer ja desapparecer de todo as profundas trévas dos tempos da ignorancia e da barbaridade.

Como apostolo, e sacerdote de um pensamento regenerador, as sociedades modernas receberam-n'o no seu seio — e bem-disseram-n'o.

Sujeito como todas as instituições humanas á poderosa lei do progresso intellectual, o romance despindo então os andrajos carunchosos da idade media, as velhas armaduras das tradições cavalleirosas de outras eras, vestiu os trajos novos e singelos da moderna eschola — abherrando do crer e viver — dos usos e costumes dos tempos barbaros, arremessou-se corajoso ao seio da vasta arena onde então se discutiam as novas idéas!

Eugene Sue, Alexandre Dumas, Frederic Soulié, Walter Scott, Victor Hugo, Chateaubriand, Alfred de Vigny, Marryat, Fenimore Cooper, George Sand, Balzac, Israeli, Paul Féval e outros muitos romancistas de grande aura, foram os que assim conseguiram hastear no seio do mundo illustrado o novo estandarte da litteratura romantica.

Ambiciosas de gloria, e de grande renome — as sociedades modernas abriram tambem os braços áquelles strenuos campeões, e acolheram-os ao seu gremio, como valentes athletas na arena da civilisação.

O pensamento então tomou diverso rumo — a imaginação despiu-se dos prejuizos e das banalidades de outras éras, e lançou-se impavida e cusada na voragem impetuósa das idéas modernas.

Foi um combate leal e valeroso — uma lucta briosa e encarniçada aquella que então se travou entre o sol da intelligencia, e as trévas da ignorancia — entre a materia e o espirito — entre o feudalismo e as novas idéas. Mas a intelligencia venceu — mas o espirito triumphou. O feudalismo arcando braço a braço com a incessante corrente das novas idéas, teve de curvar-se — e curvou-se. A civilisação abriu-lhe o sepulchro — as sociedades modernas gravaram-lhe na pedra o epitafio da morte.

E nem menos era de esperar dos constantes esforços dos valentes campeoes que houveram entrado n'aquella sancta e importante cruzada da illustração contra os falsos prejuizos, e as estereis puerilidades dos tempos da ignorancia. Sectarios e adeptos de uma nova eschola — proselytos e defensores do novo estandarte que houveram hasteado no forte e seguro baluarte da civilisação, cumpria-lhes desterrar do seio das novas sociedades as frivolidades e as acanhadas fantasias das antigas; era dever seu — e constante e imperioso — fazer sumir pelas fisgas de um sepulchro as banalidades apregoadas e proclamadas alto e bom som pelos sequazes da eschola antiga.

E intentaram-n'o — e fizeram n'o.

A arvore da illustração foi então plantada no meio da Europa pelas mãos poderosas d'aquelles genios illustres, e de outros muitos, que assim tam leal e corajosamente haviam concorrido com o poderoso auxilio das suas intelligencias para o triumpho d'aquella grande lucta de vida ou de morte para o futuro destino dos povos.

E ella cresceu, e desenvolveu-se no meio do enthusiasmo immorredouro de um punhado de nações gloriosas, que cheias de prazer, e palpitantes de gozo ineffavel, saudavam, pulando de alegria — aquella nova epocha como manancial inexgotavel de bens e prosperidade futuras — como um grande marco collocado pela mão do genio na formosa estrada da civilisação.

Os Mysterios de Paris, o Judeu Errante, Martin, o Engeitado, a Salamandra, Notre Dame de Paris, Han d'Islandia, o Conde de Monte Christo, Ivanhoé, o Conselheiro d'Estado, Mathilde, as Memorias do Diabo, e outros muitos foram os fructos saborosos que aquella arvore salutifera arremessou ao seio das novas sociedades.

Com elles operou-se uma metamorphoze completa e regeneradora na historia da litteratura romantica — ajunctou-se a essa historia ja então meia envolta na mortalha do esquecimento mais uma pagina brilhante e civilisadora!

Evangelho de novos principios — e de novas idéas, o romance moderno propagou-se com a rapidez do pensamento de um a outro angulo da Europa illustrada, e na sua carreira gloriosa deitou por terra — reduziu a cinzas o velho e carunchoso edificio dos antigos systemas seguidos pelos apostolos das velhas crenças!

O romance apoiado pelas elevadas inspirações do genio — auxiliado pelas continúas, incessantes e gloriosas revoluções do pensamento — segundado pelas valentes intelligencias d'aquelles nomes illustres que assim se houveram arremessado á corrente impetuosa das idéas modernas, conseguiu alargar, e muito o horisonte intellectual, até então ennevoado pelo absurdo, e pelos ridiculos da eschola antiga.

A nova bandeira baptisada no seio da arena litteraria pelas mãos impuras d'aquelles fieis sacerdotes da civilisação europea, fez — ganhou muitos proselytos.

Nem menos era tambem de esperar na epocha em que a intelligencia luctando braço a braço contra a ignorancia, e vencendo a, representava um papel tam importante sôbre o grande theatro da Europa civilisada.

Um tropel immenso de novas e brilhantes preciosidades litterarias tem obrigado as imprensas do mundo illustrado a gemer incessantes sob o jugo das grandes idéas — dos luminosos pensamentos — e dos principios salutares que a nova eschola incarnou na primeira pagina da litteratura romantica.

Uma innumeravel multidão de idéas importantes e transcendentes tem sido n'estes ultimos annos arrojadas ao seio das turbas, que avidas dos preciosos fructos da illustração, se teem casado e identificado com ellas, bradando bem alto a esses genios illustres, que assim tomam tanto a peito o progresso social e intellectual dos seus diversos paizes — « Abençoados sejais vós, os que assim procurais por meio do grande vehiculo da imprensa instruir e moralisar os povos! »

E são verdadeiros padrões da civilisação da Europa illustrada essas joias preciosas da formosa corôa da litteratura amena, arremessadas ao centro do mundo intellectual pelas intelligencias profundas d'esses homens immortaes, cujos nomes hãode viver eternos, estampados nas paginas douradas e brilhantes da historia importante dos grandes acontecimentos humanos!

O principio civilisador então apregoado e proclamado por esses grandes sequazes e adeptos da nova eschola, callou nos corações dos defensores dos antigos systemas as idéas retrogradas que até áquella epocha houveram dominado o poetico e formoso campo da litteratura romantica. Eugene Sue, Frederic Soulié, e outros romancistas igualmente illustres, foram e tem sido os seus mais incarniçados defensores. — A gloriosa revolução social e intellectual porque n'estes ultimos annos tem passado todas as sociedades modernas, sanctificou-o — inscreveu-o nas suas leis, como uma idéa luminosa e importante — como um pensamento altamente regenerador — como um principio eminentemente racional e philosophico.

II.

Os sanctos dogmas da religião — as doces e suaves inspirações do christianismo tiveram tambem uma parte importante n'aquelle luctar continúo contra as velhas doutrinas — n'aquelle arcar incessante contra os falsos prejuizos dos tempos barbaros.

Doce e poetica como a harpa de Lamartine — ousada e arrogante como a lyra de Victor Hugo, a religião abraçou-se com o romance — imprimiu-lhe na fronte juvenil um beijo ardente, e desse abraço fraternal brotou o avultado número desses bellos romances onde brilha como uma estrella fulgurante em ceu limpo de nuvens, o doce balsamo do christianismo.

D'aquelle beijo frenetico — ardente — continúo — abrasador, assim dado pelos labios puros da religião nas faces mimosas do romance, surgia esse tropel immenso d'essas obras, onde os agigantados vôos da poesia se acham intimamente casados com as sanctas maximas do evangelho — com os sagrados preceitos do livro divino.

Nem o romance moderno podia imperar senão de mãos dadas com a religião; do contrario elle deixaria de pulsar no alaude os singelos cantos da poesia; — abherraria das inspirações da arte, dos elevados vôos do espirito, para so viver dos sordidos interesses da materia.

Vibrando nas cordas da sua lyra os suaves canticos, extrahindo della as puras harmonias com que havia de alimentar-se, ao passo que abria as sagradas folhas do codigo divino, o romance moderno caminhou rapido e veloz pelo seio das novas sociedades, propondo-lhes como elemento indispensavel para uma nova e completa organisação a reforma radical no crer e viver dessas gerações que elle houvera atravessado arrogante e altivo.

E os povos ajoelharam — veneraram-n'o — e creram nelle com fe intima, com devoção sincera e enraizada, porque o romance ligava-se á promessa de tractar das mais importantes questões vitaes para a humanidade, sem abherrar dos preceitos que mão divina gravara nas sanctas paginas do Evangelho.

E o romance não faltou ao que promettera. Fortemente auxiliado pelas luminosas idéas dos grandes romancistas modernos, segundado com o poderoso auxilio das immutaveis maximas da religião, ei-lo la caminha triumphante, resolvendo os problemas e as questões de interesse palpitante para o homem em particular, e para as sociedades em geral — ei-lo la marcha intrepido e ousado, calcando aos pés os velhos systemas, e obrigando a rojar-se ja vencidas no sepulchro do nada as idéas da eschola antiga.

Apostolo de novas crenças — sacerdote de um culto moderno, ei-lo que la vôa d'um a outro ponto do mundo illustrado, levando bem segura na dextra a cruz da verdade, e na esquerda o livro precioso onde a mão poderosa do genio estampou a primeira pagina d'uma nova épocha florescente para as sciencias e para a litteratura.

Grandes e immensos tem sido os movimentos intellectuaes porque tem passado as sociedades modernas, depois que assim auxiliado pelas brilhantes tentativas do genio, e coadjuvado pelas sanctas inspirações da poesia, o romance demolindo as velhas columnas que sustentavam o velho edificio dos antigos preceitos, conseguio arvorar no seio das nações illustradas a nova bandeira de suas tão gloriosas conquistas.

Foi uma emancipação verdadeiramente regeneradora aquella porque assim passáram os povos da terra; foi uma épocha bem transcendente aquella que assim veiu gravar na historia das gerações presentes a palavra — civilisação!

E foi sem duvida aos incessantes esforços, e ás alentadas tentativas do genio — foi aos sanctos preceitos exarados nas sanctas paginas dos livros do christianismo — foi ás doces e suaves inspirações da poesia, que os povos deveram essa matamorphoze importante que assim veiu dar uma nova face ás diversas associações que constituem o grande corpo da humanidade!

O romance ligado até então — como se fôra um escravo — ás sentenças banaes dos antigos romancistas, alargou o seu horisonte, e de mero passatempo que éra para o coração, tornou-se n'um compendio de grandes principios, e de eternas verdades.

Senhor em vez de escravo, espedaçou as pesadas algemas que o ligavam a esses preceitos rançosos e ridiculos, e ja livre, arremessou-se ao centro das

novas sociedades, discutindo larga e maduramente essas questões palpitantes de utilidade e de interesse que hoje occupam os grandes genios — que actualmente attrahem a attenção de toda a Europa illustrada.

É ao presente grande, immensa, sublime, augusta a missão do romance. Reformador das velhas crenças e proselyto das novas idéas, abraçou-se com o sabio e com o poeta — colligou-se com o verdadeiro sacerdote da religião e com o philosopho — fez sociedade commum com o historiador e com o economista, e desta *sancta alliança* nasceu o romance moderno, com todas as gallas e arrebiques que o adornam, — com todas os mimos e feitiços que o embellezam.

Bem vindo seja elle, que assim se mostra tão strenuo e tão ousado campeão nas arriscadas e difficeis lides da intelligencia — soldado tão valente e corajoso nas tão bem pelejadas campanhas da civilisação.

J. Carlos Massa.

Lisboa — 4 de settembro de 1847.

POESIA.

A POBRE.

1040 « Sancto Deus! quem me socorre!
« Que nada tenho de meu!
« Ai de mim! que ja de fome
« Um filhinho me morreu!

« Dae-me um pedaço de pão!
« Oh! quem me hade valer!
« Tenho fome e de miseria
« Outro filhinho a morrer!

Pelas ruas de Lisboa
Pobre mulher desgraçada
A côr da morte no rosto
A madeixa desgrenhada,

Em altos gritos soltava
Supplicar tam dolorido:
Sua magoa era tamanha,
Seu carpir tam compungido,

Que cortava o coração
Ouvir aquelles lamentos;
Esse pranto tão nascido
De seus duros soffrimentos.

« Quem tem dó da coitadinha
« Quem acode á malfadada
« Que da miseria horrorosa
« Viu a face descarnada!

« Quem consola a triste mãi
« Que vio seu filho adorado
« Á penuria succumbir
« Morrer faminto ao seu lado!

« Que vio a pallida fome
« Affogar sem compaixão
« Em seus braços d'esqueleto
« Parte do seu coração!

« Quem dá soccorro á mesquinha
« Que não póde sustentar
« Outro filho que lhe resta
« Que vai á mingoa acabar!

« Que d'ouvir se desespera
« Cheia de negra afflicção,
« Pedir-lhe a pobre creança
« Minha mãi — eu quero pão!

« Quem ajuda a infeliz!
« Quem se doe da pobrezinha!
« Quem mitiga a sua dor!
« Quem lhe dá uma esmollinha!

. . . . . .
. . . . . .
. . . . . .

Em vão percorres as ruas
D'essa cidade malditta,
Tudo é surdo ao teu gemer,
Ninguem vê tua desditta.

Do soberbo millionario
Não batas á ferrea porta,
É máu, cruel, inhumano
C'o a pobreza não se importa!

Ao magestoso palacio
Do nobre altivo, insolente,
Não te chegues, que te expulsa
Como vil impertinente!

Que será da miseravel!
Onde irás tu a parar!
Onde irás afflicta mãi
A caridade encontrar?

« Quem me vale por piedade!
Exclamava a mulherzinha,
« Quem me dá para meu filho,
« Quem me dá uma esmollinha!

Passa o ricco, passa o nobre,
Ninguem lhe dá um ceitil!
Maldicção! gente sem dó!
Maldicção! cabilda vil!

Mal-amanhado saloio
Que junto á pobre passava,
Doído da sem ventura
Que tanta dor magoava,

Tirou do bolso um pãozinho
Deu-o á mãi que se carpia,
E dos olhos do labrego
Amargo pranto corria.

Qual entre as trevas brilhou
Raio de luz e fugiu,
Sôbre os labios da mendiga
Um surriso reluziu

Deus te ajude bom camponio
Que déste allivio e conforto
Á miseranda que via
O filhinho quasi morto.

Onde acharás uma igual
Alma de puro christão?
Que vale o rei, o fidalgo,
Á par do teu coração!...

Lisboa 17 d'abril de 1847.

J. S. C.

VARIEDADES.

DA BARBA.

1041 Uma barba comprida e farta como a cauda de um cavallo, foi considerada entre os antigos como um grande ornamento do rosto do homem. Os gregos e romanos adornavam com ella as estatuas dos seus deuzes, á excepção de Apollo e Bacho que sempre se figuraram inberbes, e o que é mais para admirar é que este gosto extravagante vogasse tanto na Arabia, no Egipto, na India, e na Africa, isto é: nos paizes mais calidos, aonde similhante ornato devia incommodar mais a quem o trazia.

Apezar comtudo desse não pequeno incommodo, esse uso la subsiste ainda hoje, e nada ha de que os asiaticos e africanos sejam mais ciosos. Alguns mercadores francezes levaram á China para negocio alguns lenços, em cujo centro estava pintado um satyro, que uma nympha levava apos si agarrado pela barba; este insulto á barba fez tamanho escandalo, que os magistrados havendo tomado conhecimento deste grave negocio, e ouvindo os mercadores citados perante o seu tribunal, não se fazendo cargo das suas desculpas, e das suas explicações, publicaram uma chapa, pela qual se mandava debaixo das penas mais severas, que os perpetradores deste enorme attentado contra a magestade da barba sahissem immediatamente do imperio. Esta sentença deu, é certo muito que rir na Europa, mas se nós mettessemos a mão no peito talvez que nos sahisse bem leproza. É mui prudente que os povos não riam uns dos despropositos dos outros, porque diz o dictado portuguez — *eá e lá más fadas ha* — e é mui facil que os zombados achem em desforra sobejo motivo para zombar dos zombadores.

Com a invazão dos barbaros do norte cresceu na Europa o gosto pelas barbas longas; aquelles povos as usaram, e nada mais natural do que os vencidos imitarem os usos dos vencedores, assim como abraçaram grande parte dos seus costumes, e a sua mesma lingua.

Cumpre comtudo observar que este uso da barba comprida nos povos do norte, tinha um motivo rasoavel porque lhe agasalhava o pescoço e os labios contra o intenso frio das regiões em que viviam, sendo certo que a natureza provida enroupou naquelles climas com muita lãa e gadelha, a todos os animaes, mesmo aquelles que nos climas quentes tem o pello mui curto.

A dominação dos mouros cooperou muito para a conservação das barbas compridas na Peninsula. Hispanhoes e portuguezes as usavam como se vê dos retratos dos reis, o personagens antigas tanto de Portugal como de Hespanha

Foram os portuguezes os primeiros que no reinado d'elrei D. João I, começaram a cortar as barbas por cujo motivo as senhoritas hispanholas, lhes chamavam por zombaria — *chamorros*.

No tempo de Luiz XIV cessou de todo o uso das barbas compridas na Europa, e ai daquelles que se atrevessem a apparecer nos salões e diante de pessoas de respeito, sem serem bem barbeados, e amoladinhos, porque em tal caso passariam por mal creados, sordidos e faltos de respeito para as pessoas a quem se appresentavam em tal *negligé*.

Os frades porém que folgam de andar sempre em contradicção com o resto da gente, obstinaram-se em conservar as barbas; franciscanos, capuchinhos, cartuchos, trapistas etc. capricharam todos em se parecerem naquelle uso com os mouros, os judeus, e os indios.

Introduziu-se depois nos exercitos o uso dos bigodes, e parece-nos que foi Frederico da Prussia o inventor d'esta novidade, assim como das varetas de ferro para as espingardas, que até alli eram de páu como as das armas caçadeiras, e do fogo a tres de fundo.

Introduziu-se depois a barba comprida nos portamachados dos regimentos, coisa que não deixava de fazer seu effeito pela singularidade, e porque estava em harmonia com as barretinas em feição de turbantes, e o avental de que ousavam.

Tinham ficado as coisas n'este estado até á epocha em que rebentou o vulcão da revolução franceza, e os mestres barbeiros na posse de raparem na Europa a todo o mundo, menos aos camponezes russos, que censuravam este apparato asiatico, com a mui notavel circumstancia de que sendo servos da gleba, seus senhores que os podiam desancar a páu cada vez que se lhe antojava, não tinham apezar d'isso o direito de lhes puchar pelas barbas; tam respeitada e previlegiada era aquella excrecencia felpuda!

Mas o phrenesi que levou os revolucionarios francezes a trocar os seus nomes de baptismo pelos de Bruto, Cassio, Cusca, Scipião, Catão, Cincinato, Publicola, e de outros heroes, que elles em sua ignorancia tomavam de mui boa fé por demagogos mui puros, quando na verdade tinham sido todos aristocratas decididos, os levou tambem a quererem ser barbi-longos como esses heroes de quem haviam tomado o nome. Então a França se tornou em um convento de frades barbadinhos, porque ninguem ousava apparecer em publico sem barba, suissa, bigode e passapiolho, sob pena de ser logo capitulado de aristocrata, suspeito, moderado, realista, e outras quejandas alcunhas que não eram tam pouca coisa que não levassem por fim um homem *a la lanterne*, e a *la guillotine*, ao mesmo passo que todas as madamas do grande tom cortavam os cabellos, e appareciam dando ares de estudantes que por desinfado e *facecia* ou como hoje se diz *estroinice*, tinham tido o capricho de vestir-se de mulher.

Apezar do horror que inspiravam os excessos e cri-

mes dos revolucionarios francezes, ésta mania de *cabeças redondas* nas femeas, e das caras de bode no homem, conseguiu diffundir-se pela Europa, porque parece que os homens tem uma notavel tendencia para abraçar tudo quanto tem ar de extravagancia e de absurdo.

Esta moda poz a pedir esmolla os cabelleireiros que não tinham antes della mãos a medir, e se viam na obrigação de ter cavallo para acudirem a tempo e a horas a pentear os freguezes, e supposto que a nação portugueza fosse sempre a menos atacada desta epidemia, não deixou ella comtudo de lavrar nella até á epocha de D. Miguel, em que as barbas longas conseguiram de novo tornar-se do bom tom, e serem a devisa do partido realista, ou miguelista para nos expressarmos com mais propriedade: o que fazia vêr que aquelle partido procurava retrogradar aos tempos da barbaridade.

Bem sabemos nós que vamos incorrer no odio do bello sexo, que sempre tem mostrado grande predilecção peles homens de barba comprida, mas como a razão tem mais força que todos os respeitos humanos, não podemos, com perdão das meninas curiosas daquelle ornato bestial, deixar de dizer que a barba comprida, além de ser uma moda barbara, e sordida, é um ridiculo contrasenso com os nossos costumes actuaes.

A barba comprida e os longos bigodes estão em harmonia com as roupas talares e fluctuantes dos turcos e dos orientaes, com a sua falta de movimento, e viveza. Pela mesma rasão parecia toleravel nos frades em rasão dos habitos de que faziam uso.

Mas que harmonia? que relação póde ter uma barba fluctuando até á cintura, com os nossos vestidos justos que parecem uma segunda pelle? nenhuma.

Quando vemos um homem de chapeu redondo, frak justo, collete de rebuço, calça branca *afiambrada* como vulgarmente dizem, e toda a cara emmoldurada em largas suissas, e bigodes e barbas de dous palmos, nos parece vêr um anão trazendo enfiada na cabeça a mascara de Hercules!

Qual será o motivo que induz os homens a usar de uma cousa tam incommoda como a barba comprida especialmente de verão? será o desejo de parecerem formosos? mas póde consistir a formosura em ter cara de orang-otango? indicar valor? mas os bodes que tem grandes barbas fogem diante dos lobos, que não tem barba nenhuma. E além disso os officiaes do exercito inglez por não terem barbas não são menos bravos e valentes, que outros quaesquer; inculcar respeito? mas Napoleão nunca precisou disso para o infundir; logo o uso da barba grande é uma mania, e nada mais.

Se dermos credito ao grande poeta italiano, o abbade Casti, que se refere ao seu Gianfico, a quem segue como Ariosto ao abbade Turpin, o gôsto pelas caras cabelludas é ante-diluviano, e teve principio na corte da Rainha Leôa, cujas damas ficaram encantadas com as fartas suissas, e bigodes com que alli se appresentou o orang-otango: eis aqui como elle no canto *degli annimali parlanti* descreve graciosamente este notavel acontecimento, depois de expôr como o orang-otango rei dos macacos das ilhas Celebes, veiu incognito visitar a côrte de Leão 2.°, então menor, e fôra alli recebido debaixo do titulo de *Conde Babuino*, com grandes festas e honrarias, e bem acceito das *damas-bestas*, que tinham persumpção de mui formosas.

Fra le belle quadrupedi galanti
Entusiasmo tal per lui s'accese,
Che no parevan divenuto amanti,
Ne fra lor per gran tempo altro s'intese
Che favellar dello stranier famoso,
Si amabil, si gentil, si spiritoso.

Ma cio che piú la avia calpite, e tocche,
Il ver vi narro, e non fandonie, e ciance,
Cosa fu mai? fueren due larghe ciocche
D'espido pel, che ne coprian le guance;
El un aspetto offrian fiero, e robusto,
Che suol dare alle femmine gran gusto.

Animali parlanti, canto XX, st. XIII.

C...

CORREIO-NACIONAL.

1042 A Juncta-do-Credito-público tem selliado, até ao 1.° do corrente, 479,700 notas do Banco-de-Lisboa na importancia de 3,938:640$000 réis.

O Banco-de-Portugal, desde o 1.° de julho até 31 d'agosto, tem remettido á Juncta-do-Credito-público, a importancia de 156:456$000 réis, em notas que devem ser queimadas. Dois terços d'esta quantia é amortização, e resto troca de notas grandes por pequenas.

Em 31 d'agosto último reuniu a primeira assembléa da companhia Lisbonense da illuminação a gaz. A direcção ficou composta dos Srs. Conde do Farrobo, Luiz de Castro Guimarães, João Rebello da Costa Cabral, Claudio Adriano da Costa, Carlos da Cunha e Menezes, Anselmo José Braamcamp, e José Detry, director permanente.

No dia 23 d'agosto último falecen n'esta cidade o Sr. Luiz Martins Bastos, advogado distincto, conselheiro, e deputado ás côrtes de 1822.

No dia 7 entrou o vapôr inglez *Iberia* (paquete do sul) com 27 passageiros.

No dia 13 entrou o vapor inglez *Madrid* (paquete do Norte) com folhas inglezas até 6 e francezas até 4, e 84 passageiros. Os fundos portuguezes ficavam a 26. Sahiu no mesmo dia para o Sul com 47 passageiros.

Por decreto de 11 do corrente se determina, que fique sem effeito o artigo primeiro do decreto de 15 de julho último, permanecendo em pleno vigor as disposições do de 10 de março último: isto é, que os pagamentos se façam por metade nas duas especies de metal e notas do Banco-de-Lisboa. Pena é que não se possa tractar de objectos taes sem que em cada phrase, os olhos de lince dos nossos homens, não descubram uma allusão politica! Infelizmente, n'esta terra excentrica, não se póde fallar de organisação social, nem de melhoramentos materiaes, nem de objectos economicos, sem que tudo quanto se diz não seja incabeçado na politica; e as nossas facçõesinhas não o querem tolerar!